

ROCHA, Kleicer Cardoros; MARTINS, Rosa Elizabete M. W.; Experiências da prática docente do professor de geografia na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) dentro do Projeto de Educação Comunitária Integrar. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

Experiências da prática docente do professor de geografia na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) dentro do Projeto de Educação Comunitária Integrar.

Kleicer Cardoso Rocha¹

kleicer@gmail.com

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins²

rosa.martins@udesc.br

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

INTRODUÇÃO

Esse artigo é parte da pesquisa “Ensino de Geografia e as práticas educativas do Projeto de Educação Comunitária Integrar: as transformações do sujeito de EJA na dinâmica da construção da cidadania”, que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), na linha de pesquisa Geografia e Processos Educativos, e se encontra em fase inicial de coleta de dados, na qual estamos realizando um diagnóstico dos conhecimentos prévios dos estudantes ingressantes no Projeto Integrar em 2014 (125 estudantes), bem como levantamento e revisão do referencial bibliográfico.

Objetivamos com este artigo socializar uma experiência vivida na ONG Projeto de Educação Comunitária Integrar da prática docente do professor de Geografia para o público da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O Projeto Integrar é um movimento de professores ativistas/militantes da educação popular na qual estão em atividade a 3 anos, atuando com a educação popular

¹ Graduado em Geografia pela FAED/UEDESC, mestrando em Geografia na UFSC.

² Professora do Departamento de Geografia da FAED/UEDESC e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, orientadora desta pesquisa.

atendendo o público de estudantes trabalhadores. O perfil dos docentes que atuam neste projeto são de professores em processo de formação universitária, bem como, de professores já graduados e pós-graduandos, todos ligados às atividades de pré-vestibular com fins de inserção de trabalhadores estudantes em situação de vulnerabilidade social, no ingresso nas universidades públicas catarinenses.

Os professores de geografia do Projeto Integrar são compostos por uma equipe de 4 (quatro) membros, destes 2 (dois) tem formação em licenciatura plena pela UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), 1 (um) bacharel em Geografia pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e um (1) ainda em processo de formação em licenciatura pela UDESC. Dos professores formados, 2 (dois) estão cursando mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia pela UFSC, e 1 (um) está cursando doutorado pelo Programa de Pós-Graduação pela UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa).

Este projeto faz parte do movimento brasileiro do debate das Políticas de Ações Afirmativas, na qual possibilita através das políticas de cotas a inserção de estudantes trabalhadores de escolas públicas, negros e indígenas às universidades públicas, neste caso em particular a UFSC, a UDESC e o IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina).

A questão problematizadora que abordamos está relacionada com a prática docente do professor de geografia com estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos), ou seja, buscamos saber como ocorre a formação inicial e continuada dos professores dentro dos movimentos sociais que trabalham com os conteúdos geográficos com os estudantes da EJA, na perspectiva da formação política. Também buscamos compreender a formação continuada do professor ativista dentro de um coletivo militante na educação popular da EJA em Florianópolis.

Com isso, pretende-se construir junto aos educandos, uma formação crítica, despertando nos estudantes o exercício da cidadania, onde possam ter maior intervenção social, e serem mais atuantes nos seus lugares de vivências, como o local de trabalho, a comunidade, os espaços escolares, e nas universidades.

Para isso foi organizada uma metodologia na qual o diálogo com os saberes prévios dos estudantes marca o ponto de partida dos conteúdos geográficos para a ampliação dos saberes dos trabalhadores estudantes.

Com base num referencial teórico do campo do ensino de Geografia na qual dialoga com a formação docente inicial e continuada, utilizamos os trabalhos de VEIGA-NETO (2012), com um debate a cerca do professor ativista/militante, CONTRERAS (2002), MORGADO (2011). e TARDIF (2011), no debate da profissionalização docente e o professor como formador de conhecimentos e CAVALCANTI (2010) no que diz respeito a prática docente e as múltiplas formas do fazer pedagógico no ensino de geografia.

Com método quanti-qualitativo, observação participante, com questionário semiestruturado podemos desenhar esta proposta da formação docente em projetos comunitários. A pesquisa se encontra em fase de coleta de dados qualitativos, na qual estamos realizando um diagnóstico dos conhecimentos prévios dos estudantes iniciantes no Projeto Integrar em 2014, bem como levantamento e revisão do referencial bibliográfico.

Esta pesquisa, em seu caráter qualitativo, privilegiou o recurso das entrevistas, já que, de acordo com a intenção do estudo, esse seria o instrumento mais adequado para se chegar às informações que se busca sobre os estudantes trabalhadores do Projeto Integrar. Com questionário semiestruturado podemos desenhar esta proposta avaliando tanto o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem, como a participação e envolvimento dos trabalhadores estudantes no projeto, e as possibilidades em compor redes dentro da universidade como estratégias na permanência dos estudantes no percurso universitário, e assim ampliar a atuação do Projeto Integrar em suas comunidades. Bem como entender a bagagem de conhecimentos que os mesmos trazem da sua formação escolar e do mundo do trabalho.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a fim de buscar conhecer o processo de ensino aprendizagem dos educandos da EJA, optamos pela realização também de uma pesquisa quantitativa. Quantitativa na perspectiva de diagnosticar o perfil socioeconômico dos educandos do Projeto Integrar, no corrente ano (2014).

O método de pesquisa adotado será o Estudo de Caso, que é considerado adequado, pois privilegia uma análise minuciosa de um ambiente em particular. A observação de caráter participante será nossa opção metodológica de levantamento dos dados, pois participamos ativamente do projeto como um dos professores e idealizador do Projeto Integrar. De acordo com Brandão, a pesquisa participante deve “partir da

realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais ou coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações.” (2006, p.41)

CONTEXTUALIZANDO O PROJETO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA INTEGRAR

Dentro do contexto histórico da educação, o Projeto de Educação Comunitária Integrar, se une na luta pela democratização do ensino no Brasil, atendendo ao público de EJA, no atendimento da formação continuada, daqueles estudantes trabalhadores que querem continuar seus estudos, buscando o ingresso na universidade. Atuamos na região da grande³ Florianópolis/SC (atualmente com estudantes dos municípios de São José, Biguaçu, Palhoça e Governador Celso Ramos), pois vê nesse público, como os mais marginalizados e que necessitam de políticas públicas estruturantes com o fim de eliminar uma dívida história do direito a escolaridade.

O Projeto Integrar, vêm desenvolvendo suas ações, ligadas as Políticas de Ações Afirmativas do Governo Federal⁴, na qual são aplicadas nas instituições públicas de Santa Catarina, como a UFSC, a UDESC e o IF-SC, as chamadas “cotas” para estudantes de escolas públicas, étnico raciais e indígenas.

Segundo Furtado (2006), permitir que o aumento de oportunidades no ensino superior público se combine com maior democratização econômica e étnico-racial no acesso e permanência no ensino superior é uma tarefa da universidade pública.

³ Grande Florianópolis ou Região metropolitana de Florianópolis composta por 13 municípios: Anitápolis, Rancho Queimado, São Bonifácio, Angelina, Antônio Carlos, Águas Mornas, São Pedro de Alcântara, Santo Amaro da Imperatriz, Biguaçu, Governador Celso Ramos, São José, Palhoça e Florianópolis.

⁴ Políticas de Ações Afirmativas são medidas especiais de políticas públicas e/ou ações privadas de cunho temporário ou não. Tais medidas pressupõem uma reparação histórica de desigualdades e desvantagens acumuladas e vivenciadas por um grupo racial ou étnico, de modo que essas medidas aumentam e facilitam o acesso desses grupos, garantindo a igualdade de oportunidade. Disponível em: <http://acoes-afirmativas.ufsc.br/>, acesso em 20 junho de 2014.

Dentro dessas ações pensadas pela Universidade, o Projeto Integrar, vem desenvolvendo ações de acesso e permanência dos estudantes da EJA nos bancos universitários, no modelo de cursos pré-vestibulares populares, porém com uma metodologia diferenciada de atuação, na qual busca ir além de conquistar o acesso na universidade, mas tem também como objetivo formar os estudantes, para que possam ser cidadãos críticos e atuantes no percurso formativo universitário, e no pós-graduação, para que possam ter atuações nos seus respectivos lugares de vivências e dentro do Projeto Integrar.

Diante das desigualdades de acesso dos trabalhadores nas universidades públicas, com a preparação no Projeto Integrar, os estudantes têm maior possibilidades de conquistar o acesso, isso ligado as políticas de ações afirmativas.

Desde sua criação em agosto de 2011, portanto em 2014 completando 3 anos de projeto, já são mais de 150 estudantes trabalhadores nas universidades públicas catarinenses, nos mais diversos cursos universitários, desde as engenharias, na arquitetura, direito, geografia, história, pedagogia, ciências sociais, filosofia, sistemas da informação, geologia, agronomia, matemática, para mencionar os estudantes que estão organizados na Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS), lutando pela permanência na universidade, com apoio financeiro, pedagógico, através de reforços matemáticos, com oficinas de escrita, cursos de línguas, e apoio inicial para as conquistas dos direitos como Restaurante Universitário, Moradia Estudantil, bolsas de estudos e formulação do Cadastro Socioeconômico.

Temos o entendimento que no processo histórico a educação foi negada a uma grande parte da população brasileira, mas sabemos que a educação é um campo de disputa, por isso Freire (2005) fala que a educação é um fazer político, e temos que saber para quem estamos educando, contra quem estamos educando, e trabalhar com a EJA é escolher o campo de luta das causas dos trabalhadores.

Como movimento social da educação, militamos na educação de jovens e adultos, buscando oportunizar através da luta coletiva, professores e estudantes, dentro do Projeto Integrar, o acesso e a permanência dos estudantes trabalhadores, nas universidades públicas, na perspectiva da educação para toda vida.

Para conseguirmos dialogar com as causas dos trabalhadores, a disciplina de geografia dentro do Projeto Integrar, busca com o ensino de geografia, trazer categorias

de análises através dos seus conteúdos programáticos, a fim de que “a vida escolar [seja] contextualizada como arena repleta de contestação, luta e resistência [pois] a meta fundamental da educação é criar condições para que os estudantes se fortaleçam e se constituam como indivíduos políticos”. (GIROUX, 1997, p 203)

O Projeto de Educação Comunitária Integrar a fim de transformar a realidade social pela educação, dos estudantes trabalhadores, se articula em (3) três eixos:

1º eixo – proporcionar curso pré-vestibular gratuito extensivo de 8 meses e semiextensivo de 4 meses, voltados aos sujeitos de escola pública, negros e indígenas, em situação de vulnerabilidade social, que tenham o acesso através das políticas de ações afirmativas (cotas), nas universidades públicas de Santa Catarina;

2º eixo – GESTUS – Gestão Estudantil Universitária Integrar, que proporciona o apoio aos estudantes trabalhadores durante seu percurso formativo na graduação, visando a permanência destes, evitando o baixo rendimento acadêmico e diminuindo o processo de evasão;

3º eixo – oportunizar a experiência da prática docente para o público da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), a fim de formar educadores em início de carreira, sensibilizados com a causa da educação dos trabalhadores.

O Projeto Integrar busca envolver o estudante trabalhador com os princípios da educação popular e da cidadania em seu sentido mais profundo, o Projeto é formado por educadores totalmente voluntários e tem estrutura autônoma, sem vinculação com governos, partidos políticos, ou autarquias. “Somos um projeto em constante transformação, que busca a cada dia se aproximar mais de suas próprias utopias, uma possibilidade de educação comunitária que reconhece e valoriza as diferenças, para fazer diferente.” (INTEGRAR, 2014)

Apesar de todas as dificuldades inerentes a um projeto comunitário de educação, o Integrar segue sua história de luta e envolvimento social, dando cada vez mais sentido ao seu lema: “Educação feita com paixão”. Em 2014, iniciamos dois novos caminhos na educação, com a criação de hortas comunitárias nas comunidades do Maciço do Morro da Cruz, nas comunidades dos nossos estudantes, na qual dialoga com as necessidades das comunidades e os conhecimentos adquiridos dos estudantes trabalhadores nas universidades, cumprindo desta forma com sua função social, dando um retorno as comunidades dos conhecimentos apreendidos nas universidades públicas.

Nosso segundo projeto está relacionado com a formação dos nossos estudantes universitários na formulação de artigos científicos, nos seus respectivos cursos, com a orientação dos professores do Projeto Integrar.

Nesse artigo, nos concentraremos a pensar sobre o 3º eixo do Projeto Integrar, na qual está relacionado com a formação continuada do professor para atender ao público da Educação de Jovens e Adultos, mais especificamente do professor de geografia, suas metodologias e práticas docentes a fim de fazer com que os estudantes possam se apropriar dos conhecimentos geográficos, e assim fazer novas leituras de mundo, a partir das categorias de análises apreendidas.

O Projeto de Educação Comunitária Integrar é um projeto desenvolvido em Florianópolis/SC, localizado na escola pública estadual IEE (Instituto Estadual de Educação), no centro da cidade, e desta forma de fácil acesso aos estudantes.

Conta com a participação de aproximadamente 23 professores ativos em sala de aula, bem como cerca de 10 professores atuantes nos bastidores, com apoios burocráticos ao Projeto. Contamos com professores formados e/ou em processos de formação em suas respectivas áreas de atuação. O Projeto trabalha com todas as disciplinas necessárias para a preparação dos estudantes para o concurso Vestibular (Geografia, História, Sociologia, Redação, Línguas – Portuguesa e Estrangeira: Inglês e Espanhol -, Literatura, Química, Física, Matemática e Biologia).

Figura 1: Localização Geográfica do Projeto Integrar



Fonte: Disponível em: <http://angulocursos.blogspot.com.br/2010/05/ilha-de-santa-catarina-e-grande.html>, acesso em 20 de junho 2014.

Conforme podemos observar na Figura 1, o espaço geográfico de atuação do Projeto Integrar abrange toda a Região Metropolitana de Florianópolis, composta por 13 municípios (Anitápolis, Rancho Queimado, São Bonifácio, Angelina, Antônio Carlos, Águas Mornas, São Pedro de Alcântara, Santo Amaro da Imperatriz, Biguaçu, Governador Celso Ramos, São José, Palhoça e Florianópolis. Segundo Henrique (2007, p. 48) o IBGE (2002), considera a Região Metropolitana como “uma área instituída por legislação estadual e constituída por agrupamentos de municípios limítrofes, com o objetivo de integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum”.

A delimitação e recorte espacial se referem a uma escala mesolocal, de acordo com a classificação de Souza (2013, p. 204), na qual equivale ao que podemos chamar de “uma aglomeração de cidades de porte médio (uma metrópole ou aglomeração de porte metropolitano)”.

Assim, com a atuação do Projeto Integrar na Região Metropolitana de Florianópolis, podemos considerar dentro da escala mesolocal. Pois de acordo com Souza (2013) é nesse nível escalar na qual os movimentos sociais podem apresentar uma maior atuação participativa, ou seja:

os movimentos sociais emancipatórios aguerridos – que servem da ação direta e da luta institucional não partidária (*participação em audiências públicas, pressões para influenciar a legislação etc*) para instituir novas relações de poder, forçar processos (re)distributivos e *fomentar transformações sócio-espaciais em geral.*” (SOUZA, 2013, p. 206, *grifo nosso*)

Com o envolvimento ativista do professor e a militância coletiva dentro do Projeto Integrar, conseguimos envolver nossos estudantes para uma maior participação, e desta forma, conseguimos transformar as realidades dos estudantes trabalhadores.

EJA – ESTUDANTES TRABALHADORES: UM DIAGNÓSTICO

Os sujeitos desta pesquisa estão distribuídos dentro da escala mesolocal, mas na perspectiva da escala de análise (Souza, 2013), ou seja, lugar de moradia/vivência dos estudantes trabalhadores, os mesmos estão distribuídos nos municípios de Florianópolis, São José, Biguaçu, Palhoça e Governador Celso Ramos. São 125 estudantes que frequentam o Projeto de Educação Comunitária Integrar no ano de 2014 sendo a maior parte de estudantes (82) do sexo feminino (66%) e 43 estudantes do sexo masculino (34%). As idades variam de 18 anos a 55 anos. De acordo com a situação étnico-racial, temos 65% (81) dos estudantes autodeclarados brancos. Os declarados negros e pardos, portanto dentro das políticas de cotas raciais são 29% dos estudantes (36), apenas 4 estudantes indígenas e 4 autodeclarados amarelos. Nesta perspectiva étnico-racial temos que avançar.

Com relação à escolaridade, o Projeto busca estudantes com o perfil das Políticas de Ações Afirmativas, na qual prioriza aqueles com a formação no ensino básico público, e nessa questão a grande maioria estudou em escolas públicas, 92 estudantes ou 74%, já os estudantes de escola particular são apenas 6 (5%). Temos também 21% (27 estudantes), que estudaram em ambos sistema (escolas públicas e particulares, muitos com bolsas), e portanto, segundo os critérios das política de cotas, estão fora do perfil.

Entendemos ser de suma importância, nesse diagnóstico, o conhecimento, por parte dos docentes, a origem escolar de nossos estudantes, pois sabemos o nível de aprendizagem nas escolas públicas nos dias de hoje. De acordo com IDEB 2011 – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, para o ensino médio, a nota média nacional ficou em torno de 3,7 dentro das escolas públicas brasileiras. Em Santa Catarina a média não foi muito diferente da média nacional, pois a nota média ficou em torno de 4,3. Com isso, podemos pensar estratégias metodológicas que dialoguem com essa realidade, e assim nossos estudantes possam ampliar seus conceitos, buscando no processo de ensino-aprendizagem garantias de apropriação de novas categorias de análise do cotidiano dos estudantes.

Com relação a situação de trabalho, o perfil dos estudantes do Projeto Integrar 2014, está composto por 83% de estudantes trabalhadores, na qual se subdividem em três categorias, aqueles com maior estabilidade, trabalhadores com carteira assinada (40%) 50 estudantes, aqueles autônomos/informais (9% - 12 estudantes), e aqueles que

estão desempregados no momento das inscrições e do processo de seleção para o ingresso no Projeto Integrar, sendo que essa situação pode variar, pois os estudantes relataram que estão em busca de um trabalho, esses são cerca de 34% ou 42 estudantes. Complementando a situação do mundo do trabalho, temos 17% de estudantes que nunca trabalharam.

Desta realidade do mundo do trabalho, nossos estudantes apresentam em sua maioria (83% deles) uma renda de até 3 (três) salários-mínimos (R\$ 2.172,00), sendo 1 (um) salário-mínimo em 2014 de R\$ 724,00.

Tendo em vista o perfil socioeconômico dos estudantes do Projeto Integrar em 2014, para dar conta do processo de ensino-aprendizagem, podemos caracterizá-lo como um estudante trabalhador, com renda até três salários-mínimos, de escola pública, branco, feminino.

PROFESSORES NO PROJETO INTEGRAR: ativistas e/ou militantes

Dentro da educação popular, é imprescindível o debate político na qual os professores são os responsáveis pelo movimento e construção de identidade de um movimento social, haja vista, o papel formador do professor como agente social no processo de transformação social dos sujeitos (estudantes trabalhadores), das múltiplas realidades apresentadas pelos mesmos.

Pois o acesso aos bancos universitários vai além de uma preparação conteudista, pois no imaginário popular, trabalhadores estão fora de alcançar o acesso à universidade, o que torna esse movimento extremamente significativo na vida dos estudantes trabalhadores, rompendo assim com os paradigmas de que os mesmos não são capazes de estar na universidade. Muda-se as relações sociais no seu ambiente de trabalho, na sua comunidade, família, círculo de amizade, proporcionando uma nova visão de mundo e assim a possibilidade de criar formas novas de intervenção social.

Para isso, os professores estão em constantes movimentos de construção de uma identidade de estudantes trabalhadores, num processo que VEIGA-NETO chama de ativismo, ou seja “ativismo, aqui entendido como um fazer consequente, uma prática refletida que visa à transformação” (VEIGA-NETO, p. 272, 2012)

Para o Projeto Integrar, as aulas vão além da mera transmissão de conteúdos programáticos, “as aulas visam aguçar o espírito crítico, o debate saudável e a construção conjunta do conhecimento, pois é nisso que acreditamos.” (INTEGRAR, 2014)

Assim, segundo Morgado podemos “compreende que o saber profissional do professor não possa restringir-se ao mero domínio de um conjunto de conhecimentos científicos relativos aos conteúdos curriculares [...] e metodológicos das ciências da educação.” (MORGADO, p. 797, 2011)

Pois o professor deve “ensinar como fazer com que os outros aprendam/apreendam o saber que se disponibiliza” (*ibid, ibidem*)

Aprendizagem essa na qual os sujeitos ampliam seus graus de letramento, conseguindo ter outras visões de mundo, e desta forma poderem se posicionar e lutar a favor da ampliação dos seus direitos, o principal aqui está relacionado ao acesso e permanência na universidade pública.

Com isso os professores ativistas do Projeto Integrar estão num processo de construção de conhecimentos dialogando com os saberes prévios dos estudantes trabalhadores, na qual buscamos como ativistas “agir para frente, da ação para uma mudança de posição, da ação para uma outra situação diferente da que se tem.” (VEIGA-NETO, p. 273, 2012)

Quando realizamos um diagnóstico inicial, a fim de conhecermos as trajetórias de vida e luta dos estudantes, buscamos compreender o quando de conhecimento esse estudante traz para a sala de aula. E a partir desses saberes poderemos identificar o quanto avançamos, nas categorias de análises da realidade, a fim de que os mesmos possam ampliar suas visões de mundo, se apropriando de novas categorias, e com elas transformar a sua realidade.

O primeiro grande processo de transformação, é o acesso à universidade pública através das políticas de ações afirmativas, entendidas como um direito dos estudantes de escolas públicas, negros e indígenas de acessar aos cursos universitários.

No entanto, no diagnóstico inicial, os estudantes apresentam certas dúvidas quanto a se inscreverem pelas políticas de cotas, devido a falta de entendimento e clareza em compreender as desigualdades criadas ao acesso ao ensino superior em nosso país.

Como afirma VEIGA-NETO (2012), esse processo de luta dos professores em sala de aula, com objetivos de ampliar as visões de mundo dos estudantes se dá de forma individual, onde cada professor através de sua prática pedagógica e com as ferramentas metodológicas cria as possibilidades para tal realização. Isso pode ser caracterizado como um ativismo individual, o que não significa individualismo. Pois para as disciplinas das ciências humanas, como a geografia, é mais prático, devido aos conteúdos programáticos, de serem trabalhados, que as disciplinas exatas, como a física, mesmo havendo possibilidades para outras formas de trabalhar os conteúdos.

Porém, como um grupo de professores somos militantes de uma causa em comum, pois temos os mesmos objetivos como Projeto Integrar, qual seja, de proporcionar o acesso e a permanência dos nossos estudantes trabalhadores nos bancos universitários, dos mais diversos cursos da UFSC, UDESC e IFSC.

Segundo VEIGA-NETO “a militância pode ser compreendida como um conjunto de ações coletivas que seguem um ideário comum, partilhado e assumido pelos membros da coletividade que, no caso, se constituem como uma comunidade.” (VEIGA-NETO, p. 273, 2012)

Como um Projeto de Educação Comunitária, composto por um grupo de 23 professores, de todos os campos do conhecimento, temos um conjunto de ações coletivas na qual militamos com o fim de inserir estudantes trabalhadores na universidade pública.

No entanto, cada professor como ativista tem o seu compromisso ético com os outros professores do Projeto Integrar e consigo mesmo. Assim para VEIGA-NETO (p. 274, 2012), o “ativista é aquele que se tortura permanentemente, sempre tentando mudar a si mesmo e, ao mesmo tempo, tentando promover a mudança nos outros.”

MORGADO corrobora dizendo que atualmente

[...] tem sido consignado um papel especial aos professores, que continuam a ser vistos como agentes efetivos de mudança, deles dependendo, em grande parte, tanto as transformações que urge imprimir na escola e no ensino, quanto o sucesso educativo dos estudantes e a sua realização como pessoas. (p 795, 2011 – grifo nosso)

Para ocorrer esse processo de mudança, é necessário a constante formação do professor, o que vem ocorrendo dentro do grupo de Formação do Projeto Integrar

chamado “Célula (de)formação”, na qual está em constante debate da proposta metodológica da educação popular militante e proporcionando encontros de formação para a equipe de professores do Projeto, a fim de que a formação continuada seja uma realidade e que possamos avançar na prática docente transformadora.

Segundo CONTRERAS (p. 79, 2002) “as associações de professores [em sua] organização, desenvolvem sua profissionalidade na medida em que compartilham problemas, discutem princípios, contrastam alternativas e soluções, analisam fatores que condicionam seu trabalho, organizam sua ação.” O que temos feito no Projeto Integrar através dos nossos encontros formativos.

Com esses processos de formação contínuo podemos garantir um aprofundamento teórico, metodológico e conceitual a cerca da prática educativa dentro da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), e com isso proporcionar aos novos professores uma aproximação conceitual da educação comunitária.

Pois sabemos que os novos professores não tiveram uma formação inicial, nos bancos universitários, na qual debateram a cerca das teorias da educação de jovens e adultos, as abordagens metodológicas de se aproximar e desenvolver conhecimento, para além da mera transmissão de informação, muitas vezes não apropriada pelos estudantes.

Desta forma, o Projeto Integrar possibilita a formação do professor iniciante, pois um dos objetivos do projeto está relacionado com a formação docente na perspectiva da educação popular. Do professor militante/ativista.

Em resposta a um questionamento, em encontro de formação com os professores do Projeto Integrar, conseguimos perceber a importância do projeto para os professores iniciantes, pois os relatos mostram a importância do Projeto nas suas formações, descrevendo a mudança de concepção do fazer docente, na resposta de um dos professores, ocorre a descrição de que “mudou muito a minha concepção de tudo”, pois “o projeto permite a liberdade de experiências e o aprendizado prático das utopias educacionais”.

Outro professor@ descreve que “depois de tudo que estudamos na Academia, e de algumas decepções que ouvimos falar quanto à educação, o Projeto Integrar me trouxe de volta a esperança para as salas de aula, me mostrando que ainda existem aqueles que lutam pela educação - não somente pelos índices”.

PROFESSORES DE GEOGRAFIA – A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

Ao procurarmos entender o processo de formação inicial nas universidades catarinenses, na formação do professor de geografia, podemos constatar a formação feita pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Universidade Do Estado de Santa Catarina (UDESC). Tendo como base, mais recentemente projetos de licenciatura, a fim de incentivar novos estudantes para a prática docente. Porém os estágios de observação e a prática docente são realizadas apenas nos ensinos Fundamental II e ensino Médio, muitas vezes dentro do Colégio de Aplicação, como é o caso da UFSC, o que não representa necessariamente a realidade das escolas públicas ou até mesmo particular, pois apresenta um projeto pedagógico, que lhe dá as condições de trabalho necessários para os professores realizar um trabalho de excelência.

Quanto a prática docente para a EJA (Educação de Jovens e Adultos), raramente os estudantes terão a oportunidade de acompanhar um estágio de vivência, o que tornaria mais formativo, se os estudantes tivessem a oportunidade de conhecer as distintas realidades do ensino, nas distintas modalidades de ensino.

A formação inicial do professor, e o de geografia também se enquadra nessa realidade fica aquém das necessidades do dia a dia da escola, com suas múltiplas realidades e contextos sociais distintos.

Segundo Morgado (p. 802, 2011) “constata-se que esta tem sido deficitária na preparação de profissionais capazes de responder aos desafios educativos de uma sociedade que rapidamente se tornou mais complexa e exigente.

Quantos professores, recém-formados tem formação para atuar na EJA, quantos tem formação para enfrentar a nova realidade das escolas com a educação inclusiva, com as múltiplas deficiências e distúrbios de aprendizagem.

Ainda para Morgado, tem-se buscado na academia a formação muito mais academicista, com a apropriação dos conteúdos pelos universitários, “sem uma efetiva integração desses saberes, ainda que o período de formação inicial englobe uma etapa de prática pedagógica.” (p. 802, 2011)

O Projeto Integrar, como movimento social, no campo da educação de jovens e adultos, está aberto ao diálogo com as universidades, a fim de oportunizar aos acadêmicos de licenciatura uma vivência de prática docente com o público da EJA.

Porém, como não somos do sistema de ensino formal, não se permite essa oportunidade para os acadêmicos conhecerem outras realidades, outras formas de fazer educação.

Face a necessidade de ampliar as visões de mundo dos licenciandos, cremos ser uma experiência que trará frutos para o debate acadêmico, em nível do fazer pedagógico, enriquecendo assim a formação inicial dos licenciados em geografia.

O Projeto Integrar, além de estar preocupado de oportunizar a experiência da prática docente para o professor iniciante, também se preocupa com a formação continuada do seu quadro de professores, pois é a formação continuada que projeta o projeto para as mudanças que a sociedade vem enfrentando nos últimos anos, e por conseguinte os professores em sala de aula.

E para a realidade da maioria dos nossos professores que não tiveram na formação inicial contato com a modalidade EJA, se torna essencial na formação continuada um processo de debate teórico e metodológico a cerca da prática docente, a fim de garantirmos nas aulas, um diálogo com os estudantes trabalhadores, e assim conseguirmos alcançar os objetivos do Projeto Integrar, de transformar essas realidades.

Segundo Morgado (p. 803, 2011 – grifo nosso) a “formação continuada é um contributo educativo valioso para compaginar pensamento e ação, reformular e atualizar a preparação dos professores, questionar as práticas de ensino, identificar problemas [...]”. Temos em nossas formações, buscado com a prática reflexiva atualizar e preparar os docentes para atuar na sala de aula com os estudantes trabalhadores, com novas metodologias de ensino, principalmente a partir do reconhecimento dos saberes prévios dos estudantes, diagnosticar em sua trajetória de vida elementos facilitadores de aprendizagem.

Com esse processo de formação continuada temos alcançado resultados satisfatórios, com os índices de aprovação dos estudantes nas universidades públicas (UFSC, UDESC, IFSC), e também conseguido a consolidação da equipe de educadores que da continuidade ao trabalho dentro do projeto.

Também temos avançado no papel do professor, passando de um mero fazer pedagógico, ou seja, transmissor das teorias acadêmicas apreendidas na formação inicial. Dentro do processo de formação continuada rompemos com essa lógica do professor aplicador de conteúdos, para um professor reflexivo, do professor que pensa e compartilha no debate as múltiplas formas do fazer pedagógico.

Segundo TARDIF (p. 234, 2011) “deveremos admitir que a prática [do professor] não é somente um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas também um espaço de produção de saberes específicos oriundos dessa mesma prática”.

Significa dizer que nós professores também somos os construtores dos conhecimentos a cerca da nossa prática educativa diária, ainda mais num projeto social, não qual possui liberdade na ação metodológica para criar práticas inovadoras que venham de encontro com o processo de aprendizagem dos estudantes trabalhadores. Assim nessa “perspectiva equivale a fazer o professor [...] um sujeito do conhecimento, um ator que desenvolve e possui sempre teorias, conhecimentos e saberes de sua própria ação”. (TARDIF, p. 234-235, 2002).

PROFESSORES DE GEOGRAFIA – O DESAFIO DA PRÁTICA DOCENTE PARA TRABALHADORES

Como estratégia metodológica, o desafio da prática docente do professor de geografia, está em buscar trazer os saberes dos estudantes trabalhadores, que tem uma vivência no mundo do trabalho, e desta forma, podem contribuir com o debate e construção do conhecimento em sala de aula. Entendemos que dar voz aos estudantes, faz com que os mesmos participem mais das aulas e se apropriem dos conhecimentos, desenvolvendo assim suas habilidades, e para “compreender a voz dos estudantes significa enfrentar a necessidade de dar vida ao domínio dos símbolos, linguagem e gestos.” (GIROUX, 1997, p 201-202)

Segundo CAVALCANTI (p. 3, 2010) “ os professores de geografia relatam que estão frequentemente enfrentando dificuldades em atrair seus alunos nas aulas, pois a maioria não se interessa pelos conteúdos que essa disciplina trabalha”, e continua descrevendo que os estudantes apenas ficam limitados “ao cumprimento formal das obrigações escolares”.

A fim de romper com essa realidade, cada disciplina, e em participar a geografia devem ter como objetivo traduzir os conceitos geográficos, a fim de que os estudantes possam fazer relações com seu cotidiano do mundo do trabalho, e com isso, se apropriar dos conteúdos.

No Projeto Integrar acredita-se que tais habilidades devem ser desenvolvidas acompanhado de uma formação completa do sujeito, “coloca-se em foco o sujeito

trabalhador, considerando as suas múltiplas dimensões e o seu desenvolvimento da sua consciência crítica, considerando a possibilidade de um novo patamar de inserção no mundo do trabalho”. (MIYASHIRO, 2005, p. 35), propomos assim, a construção de mecanismos participativos que transformem e ressignifiquem a realidade dos estudantes.

A partir da compreensão desses processos, podem-se ativar mecanismos para uma intervenção e/ou disputa na configuração do espaço geográfico no seu lugar de vivência, dentro da escala mesolocal (SOUZA 2013). Por exemplo, a participação nas comunidades nas audiências públicas da formulação do Plano Diretor participativo da Cidade de Florianópolis/SC, ou a luta pelo direito ao meio passe estudantil para estudantes de cursos comunitários. Esse processo envolve os estudantes, e faz com que os mesmos possam ver na prática a aplicação dos conteúdos trabalhados, fazendo sentido no seu cotidiano.

Essa compreensão/ação de ensinar a geografia é um movimento que vem sendo desenvolvido por muitos educadores na perspectiva de romper com as velhas práticas de ensino aprendizagem de geografia. Como afirma Borges Neto (p.45, 2008) em sua dissertação de mestrado na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), “a decisão de ensinar a Geografia relacionando conteúdo e realidade pode representar uma oportunidade de renovação nos processos de ensino e aprendizagem”.

Por isso, propomos que para o ensino de geografia a realidade trazida a partir dos conhecimentos prévios que os estudantes da EJA apresentam, sirvam de ponto de partida para o debate dos conteúdos geográficos programáticos.

Martins (2013, p 154, grifo nosso) corrobora com essa perspectiva quando afirma que a formação dos professores “tem que estar voltada à organização de atividades que envolvam os alunos em projetos de pesquisas sobre a realidade escolar [...]”. Sem compreendermos essa realidade escolar, qual seja o perfil dos estudantes da EJA (neste caso), a comunidade/lugar que a escola se encontra, a situação socioeconômica dos estudantes/comunidade, as condições de acesso às políticas públicas, conforme descrito acima na análise da configuração do perfil dos estudantes do projeto. São formas de fazermos os conteúdos de geografia se aproximar do mundo real de nossos estudantes, e com isso, fazer sentido o processo de aprendizagem, buscando garantir a apropriação dos mesmos.

Pois “de alguma maneira, consciente ou inconscientemente, o trabalho do professor está ligado a um projeto de formação, a um projeto de sociedade, a um projeto de humanidade.” (CAVALCANTI, p. 2, 2010). Buscamos um projeto de formação crítica que pense numa sociedade igualitária coletiva, onde possamos viver e compartilhar dos bens comuns.

Quando os estudantes conseguem se apropriar dos conteúdos e refletir sobre as práticas vividas no espaço geográfico, podemos desta forma avançar na construção de conhecimentos, e num projeto de formação transformador. Com os conceitos geográficos apropriados, sua visão de mundo se amplia, pois o mesmo consegue fazer as relações e compreender os interesses (políticos, econômicos) ligados na transformação do espaço geográfico, consegue compreender os processos de segregação que ocorre nos centros urbanos da sua cidade, as desigualdades de acesso aos que vivem em situação de vulnerabilidade social, pois “na escola, pode-se dar início ao processo de compreensão da importância do mundo na vida do lugar, e deste lugar no mundo.” (CALLAI, p 6, 1999), ou seja, buscamos ajudar os estudantes a lerem o mundo atual, a fim de que o mesmo possa construir outros mundos possíveis, a partir dos novos conceitos geográficos estudados/apropriados.

CAVALCANTI (p. 3, 2010) defende o caminho de estudar geografia “com base no debate de temas relevantes e no confronto de percepções, de vivências, de análises, buscando um sentido real dos conteúdos estudados para os alunos”.

Desta forma, para o professor de geografia dar conta de estar preparado para a prática didática, além da formação dos referenciais teóricos e metodológicos da sua ciência, o mesmo deve estar atualizado, atento aos acontecimentos que o mundo globalizado provoca na ordenação, transformação do espaço geográfico, pois “hoje, na chamada pós-modernidade, a escola deve proporcionar os caminhos necessários para que os sujeitos/alunos possam compreender o cotidiano, desenvolvendo e aplicando competências” (CASTROGIOVANNI, 2007, p.44).

Segundo Kaercher (2003) “o papel do professor é destacar e aproximar o próximo, o local do aluno. Senão o mesmo acha que a geografia não lhe diz respeito por que sua aldeia não aparece na aula e nem no livro” (p. 26-27). Para CAVALCANTI (p. 6, 2010) “não se trata de trabalhar o lugar apenas como uma referência local, mas como

uma escala de análise necessária para se compreender os fenômenos que acontecem no mundo, mas ocorrem temporal e territorialmente nesse local”.

Se buscamos que nossos estudantes tenham uma formação crítica, a partir dos estudos dos conteúdos de geografia, para o exercício da cidadania, teremos assim,

um aluno que sabe compreender a realidade em que vive, que consegue perceber que o espaço é construído, e que nesse processo de produção do espaço local e do espaço regional consegue perceber que todos os homens, que a sociedade é responsável por esse espaço, conseguirá estudar questões e espaços mais distantes e compreender, indo além do aprender porque o professor quer. Ao construir seu conhecimento estará aproveitando os conteúdos de geografia para a sua formação, para ser um cidadão no sentido pleno da palavra (CALLAI, 1999, p.58).

Se garantirmos a formação desse cidadão no sentido pleno da palavra, conseguimos atingir o objetivo do ensinar geografia, formar cidadãos, autônomos e sujeitos históricos construtores da sua própria história.

E com isso, a prática docente do professor de geografia consegue garantir através do diálogo com os estudantes trabalhadores uma maior aproximação dos sujeitos para a aprendizagem e por conseguinte as transformações da realidade, através das novas visões de mundo por parte dos estudantes trabalhadores.

Como defende TARDIF (2002), nós professores passamos assim a sermos considerados como sujeitos históricos do conhecimento, pois dispomos de saberes, de experiências práticas e de um ponto de vista particular, o nosso ponto de vista. Escrever e teorizar a nossa prática pedagógica nos revive e fortalece a caminhar na luta por uma outra educação possível em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BORGES NETO, Fernanda. **A geografia escolar do aluno EJA** : caminhos para uma prática de ensino. 2008. 166 f. : il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

BRANDÃO, Carlos R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa. In: STRECK, Danilo R. (Org.) **Pesquisa participante: a partilha do saber**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006, p. 21-54.

CALLAI, Helena Copetti. **O Ensino da Geografia: recortes espaciais para análise**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio (Org). Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 2ed. 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio C. **Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade**. In: CASTROGIOVANNI,

A.C (Org). Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, Lana. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos e alternativas.** IN: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas atuais. Belo Horizonte, nov 2010.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores.** São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FURTADO, Olinto José Varela (presidente), et ali. **Proposta de programa de ações afirmativas para ampliação do acesso à Universidade Federal de Santa Catarina com diversidade socioeconômica e étnico-racial.** Florianópolis: Comissão de Acesso e Diversidade Socioeconômica e Étnico-racial, 2006.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HENRIQUE, Wendel. **A recente metropolização em Santa Catarina: Processo geográfico-territorial ou apenas um limite político-administrativo?** GeoTextos, vol. 3, n. 1 e 2, 2007. p. 47-65.

IDEB – **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.** Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>, acesso em 20 junho 2014.

INTEGRAR, Projeto de Educação Comunitária. **Professores.** Disponível em: <http://www.projetointegrar.org/conheca-o-time-de-educadores-do-integrar/>, acesso em agosto 2014.

KAERCHER, Nestor André. **Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático.** In: CASTROGIOVANNI, A.C. (org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MARTINS, Rosa E. M. W. **Reflexões sobre o processo formativo do professor de geografia.** IN:CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A.; TONINI, I. M. (orgs). Movimentos no ensinar geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** 2ª.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MIYASHIRO, Rosana; MORETTO, Nivaldo R. **Escola de turismo e hotelaria canto da ilha – CUT, Educação Integral dos Trabalhadores: projeto político pedagógico na área de turismo e hospitalidade.** Florianópolis: Central Única dos Trabalhadores – CUT, 2005.

MORGADO, José Carlos. **Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades.** Ensaio: aval. Pol. públ. Educ., vol.19, no.73, p.793-812. Dez 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional, 3a ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. **É preciso ir aos porões**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPEd, v. 17, n. 50, p. 267-282, maio-ago 2012.